

## SIMPÓSIO AT082

### ENUNCIÇÃO ESCRITA: O DESDOBRAR DO TEXTO

ROCHA, Ina  
Universidade Católica de Pernambuco  
inamirely@gmail.com

BARROS, Isabela  
Universidade Católica de Pernambuco  
isabela.barros@unicap.br

FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
josestemistocles@yahoo.com.br

**Resumo:** Este trabalho objetiva apresentar o início de investigações e discussões referentes à subjetividade do homem na língua por meio da análise do funcionamento da categoria tempo, segundo a perspectiva da Teoria da Enunciação, de Émile Benveniste. Neste artigo, apresentamos um pequeno levantamento bibliográfico de textos sobre enunciação escrita que nos oferece elementos fundamentais para pensar, de uma maneira mais consistente, o que seria e como poderia ser feita uma abordagem enunciativa da escrita, além de refletir sobre como poderia se apresentar em uma produção de texto. Alguns artigos de Benveniste e de outros autores nos auxiliaram nesta investida, tais como Flores (2018), Endrweit (2006) e Silva (2018). Como resultados parciais podemos dizer que a compreensão da enunciação escrita é necessária para o prosseguimento da pesquisa, pois servirá de auxílio para buscarmos subsídios a fim de apresentarmos uma abordagem enunciativa da categoria tempo no ensino de língua, a partir da análise de produções textuais.

**Palavras-chave:** Enunciação; escrita; categoria tempo.

**Abstract:** This work aims to present the beginning of investigations and discussions concerning the subjectivity in man within the language through the analysis of the functioning of the category time, according to the perspective of the Theory of Enunciation by Émile Benveniste. In this article, we present a small bibliographical survey of texts about written enunciation that offers us the fundamental elements to think, in a more consistent way, what would be and how could be an enunciative approach to writing, as well as to reflect on how it could present itself in a text production. Some articles by Benveniste and other authors helped us in this process, such as Flores (2018), Endrweit (2006), and Silva (2018). As partial results, we can observe that the understanding of the written enunciation is necessary for the continuation of the research, for it will help us seek subsidies, in order to present an enunciative approach of the category time in the language teaching, parting from the analysis of textual productions.

**Keywords:** Enunciation; writing; category time.

## 1. Introdução

Este artigo é um trabalho referente a uma pesquisa bibliográfica realizada com o objetivo de refletir e discutir sobre enunciação escrita e como esta, possivelmente, aparece em uma produção de texto. No decorrer do nosso trabalho, apresentaremos o pensamento de alguns autores acerca do que pode vir a ser a enunciação escrita, buscando pistas que nos permitam caminhar de maneira mais segura neste campo de pesquisa da linguística e que se mostra novo para o campo enunciativo.

A partir dos pressupostos de que a linguagem humana difere o homem dos outros animais, possibilita a criação da sua realidade e o constitui como sujeito e, além disso, permite a relação intersubjetiva da enunciação, é que começamos a nossa pesquisa. Nas palavras de Benveniste (1989, p.286), “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’.”

Além de alguns textos de Benveniste, outros autores nos auxiliaram nesta investida, tais como Valdir Flores, Magali Endrweit e Camen Luci Silva. A partir dessas leituras, demos início ao processo de investigação que nos levou a um levantamento de hipóteses e/ou constatações sobre esse desdobrar do texto escrito.

## 2. A enunciação e o tempo em Benveniste

Enunciação: um ato individual de colocar a língua em funcionamento. Através dessa definição de enunciação, segundo Benveniste, iniciamos nossa pesquisa sobre a enunciação escrita. Esse ato singular, pelo qual se faz uso da língua, já estabelece de início um locutor como condição necessária para que ocorra.

O ato de enunciar expressa uma relação com o mundo. O locutor se apropria da língua e tem necessidade de se referir ao outro através do discurso. Dessa forma, Benveniste inicia sua explanação sobre os índices de pessoa (eu-tu) denominando-os classe de “indivíduos linguísticos.”

A enunciação ocorre sempre no tempo presente, ela institui essa temporalidade. O presente enunciativo torna-se referência para a consciência do

sentido de continuidade, ou seja, segundo Benveniste, para o homem só é possível viver o momento presente a partir da realização do discurso e o presente formal seria, na verdade, uma explicitação do tempo presente da enunciação.

O que caracteriza a enunciação é essa troca entre parceiros em uma estrutura de diálogo, sejam estes reais ou imaginários. A cada enunciação estabelece-se uma espécie de laço social e a linguagem se apresenta como ação. Para Benveniste, faz-se necessário se aprofundar nesse e em outros desdobramentos da enunciação como a diferenciação entre enunciação falada e enunciação escrita. Sobre a enunciação escrita, o autor nos diz que “esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem.” (Benveniste, 1989, p. 90)

Nas ações diárias, sejam elas utilizando a linguagem falada ou escrita, temos uma troca de conteúdo que depende do entendimento de um outro. Nessa troca o locutor se coloca como sujeito, expressa-se como ele mesmo, determina sua subjetividade. Essa consciência de si mesmo só pode ser experimentada através de uma relação de oposição: um “eu” sempre se refere a um “tu” e essa polarização é fundamental para que haja a comunicação.

O campo da subjetividade na organização de uma língua vai além do âmbito dos pronomes, também compreende a noção de tempo. Assim como os pronomes, a temporalidade faz parte da organização da língua e tem como ponto de referência sempre um tempo presente, este sempre interior ao discurso. Assim também, conforme Benveniste (1989), “a temporalidade humana com todo o seu aparato linguístico revela a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem.”

Benveniste estabelece uma diferenciação entre o tempo físico, o tempo crônico e o tempo linguístico. Vejamos a seguir algumas considerações sobre essa categoria de análise.

O tempo físico, nas palavras do estudioso, diz respeito a um “contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade” e sua duração é variável a cada indivíduo, de acordo com o grau de emoções e o ritmo de sua vida interior; trata-se de um tempo psíquico.

A segunda definição de tempo refere-se ao tempo crônico, compreende os acontecimentos marcantes historicamente e nossa própria vida enquanto

seqüência de acontecimentos. Tais fatos tornam-se referenciais e possibilitam localizar um passado imediato ou um passado distante. São referenciais que ajudam observar nossa vida, partindo desses acontecimentos pontuais, percorrendo o tempo decorrido sob duas formas ou direções: do passado ao presente ou do presente ao passado.

O tempo linguístico está ligado ao exercício da fala, organiza-se e define-se como função do discurso e tem seu centro no presente da instância de fala.

O tempo linguístico é o tempo presente próprio à atividade enunciativa e relacionadas a esta estão as noções de passado e futuro, portanto, a noção de tempo linguístico se dá no tempo presente inerente à atividade enunciativa.

Benveniste (1989) aponta que a língua tem por função ordenar o tempo a partir de um eixo e esse eixo é sempre a instância do discurso. O presente manifesta-se, ao nível do discurso, até mesmo de modo implícito, pois o único tempo inerente à língua é o presente do discurso. Além disso, o tempo instaura uma experiência fundamental da qual todas as línguas dão testemunho, cada qual à sua maneira: é a possibilidade de determinar, através do presente do discurso, duas possibilidades de referências temporais: a de indicar o que não é mais presente e o que ainda está por se tornar.

Pensar em textos orais ou escritos com a ausência completa dos pronomes eu e tu e sem referencial de temporalidade seria tarefa difícil. Neste ponto dos estudos levanta-se um questionamento: o ato de enunciar é único e, pensando na escrita, poderíamos conceber o estilo como enunciação? O estilo da escrita é expressão de uma realidade, de experiências vivenciadas?

Sem a pretensão de obter respostas agora, pois não é este o objetivo do trabalho, passemos a discutir acerca da enunciação escrita.

### **3. A enunciação escrita**

Saussure, ao eleger a língua como objeto de estudo da linguística, privilegiou a fala em detrimento da escrita. Uma das hipóteses para essa exclusão seria a visão de que a escrita é uma representação da fala, portanto seria uma forma “repetível e capaz de mascarar as incidências individuais e eliminar as manifestações do irregular, do excedente.” (ENDRUWEITT, 2006, p. 99)

Para além dessa perspectiva de escrita como repetição da fala, poderíamos tomar a escrita como subjetividade, sendo assim, esta não pode ser regular e se distancia do que pede a ciência. Dessa forma, segundo Endruweitt (2006), teríamos duas possibilidades, a saber a “escrita” e a “Escrita”. O primeiro termo, grafado com “e” faz referência ao texto que serve para se comunicar e é comparada à fala, pois segue o conjunto de regras da língua. Já o termo grafado com “E” não é a tentativa de se explicar o que se quer dizer, mas é realizada a partir da lógica do sujeito distanciando-se do sentido do texto referente à escrita.

Para Endruweitt (2006), “a Escrita é uma forma de olhar ‘enviesado’, e nos diz também que “a Escrita como o inconsciente só produz sentido na metáfora.” A Escrita seria, assim, a singularidade presente na regularidade. A Escrita está para a enunciação como a escrita está para o enunciado. O enunciado está na superfície, aquilo que pode ser visto, “a enunciação é refratária à representação total.”

Ao refletirmos sobre essa concepção de escrita como enunciação é importante compreender como se dá a passagem de locutor a sujeito no processo da escrita de textos. Como ocorre a transição do homem, que passa a locutor e, depois, sujeito.

A relação homem/homem na qual se apresenta um sujeito cultural, a relação locutor e alocutário, na qual se apresenta um sujeito da alocução ou dialógico e a relação eu-tu, na qual se constitui um sujeito linguístico-enunciativo. Seriam essas as três instâncias que concebem e asseguram a comunicação linguística. (SILVA, 2009, p.85)

Sendo assim, linguagem, homem, locutor, sujeito e subjetividade se definem em uma relação mútua implicados na passagem homem-locutor-sujeito: as três instâncias existem simultaneamente e são necessárias ao funcionamento da intersubjetividade.

#### **4.O texto numa perspectiva enunciativa**

Cada vez que o locutor coloca a língua em funcionamento, seja para comunicar, seja para passar mensagem, seja para expressar ideias, esta torna-se o elo entre indivíduos e sociedade. As relações do locutor com o outro e com o mundo são possíveis por intermédio da língua.

A característica da linguagem de significar permite que cada indivíduo possa se colocar como falante, escrevente, leitor ou ouvinte em uma língua específica, e isto se dá indissociável de sua sociedade e de sua cultura, assim “é a enunciação que dá existência para a língua ao se tornar discurso.” (SILVA, 2018, p.7).

O discurso, por sua vez, como produto de uma ação enunciativa, é irrepitível e dá visibilidade ao sujeito. O sujeito seria, portanto, a marca da enunciação, efeito do discurso. Para Juchem (2012) “O sujeito não existe *a priori*, mas é o rastro de si deixado pelo locutor em seu discurso. “

A pesquisa feita a partir da visão enunciativa de um texto deve levar em conta a relação do produtor com seu discurso, deve sobrepor o modo como o locutor usa a língua acima do resultado final do texto. Somando-se a isso, deve-se apontar os efeitos de sentidos que o locutor provoca, observando como ele construiu o texto, buscando suas marcas.

Na abordagem enunciativa benvenistiana, deve-se observar o uso que o falante faz do discurso, a análise deve ser feita linguisticamente e não partindo para uma compreensão da questão sociohistórica. Observar os aspectos semióticos relacionados à semântica, a forma de estruturar o discurso.

Forma e sentido são noções integradas em todas as unidades da língua. Essa integração é de responsabilidade de quem se apropria delas. Dessa forma, analisar um texto por um viés enunciativo benvenistiano é buscar os vestígios no modo como cada locutor integra forma e sentido para colocar a língua em uso em discursos presentes nas distintas práticas sociais. (SILVA, 2018, p. 11)

Considerar o texto como ato enunciativo é tomá-lo como algo irrepitível, pois, nele, tempo, espaço e pessoa são singulares, assim como, deixar-se guiar pelas marcas do locutor ao construir o texto.

A busca pelo entendimento de uma concepção de enunciação escrita e a sua associação com a produção textual leva-nos a pensar em propostas metodológicas para pôr em prática a visão enunciativa benvenistiana a partir da análise de produções textuais.

Uma das possibilidades apontadas é a de Fenóglia (2013) que indica que para se estudar um enunciado é preciso ter em conta os traços deixados nos rascunhos e, assim, buscar a origem do texto, o ponto de partida. A autora diz que o rascunho permite clarear a elaboração enunciativa do processo, além de



possibilitar a compreensão da produção de sentidos, em outras palavras, deve-se analisar o processo de textualização e não o texto pronto, acabado, com os apagamentos feitos a cada reescritura.

Não seria a reescritura um outro texto? O processo de reescrita não produziria um texto com efeitos de sentido diferentes daquele produzido inicialmente, tomando como referência um outro tempo presente? Seguindo essa linha de investigação, acreditamos ser válida a busca pela gênese do texto a partir dos rascunhos como propõe Fenóglío, levando em consideração a visão de que os efeitos de sentido do texto estão na forma como ele é construído.

Se a enunciação é irrepitível, a reescritura também seria, logo considerada uma nova enunciação, pois acontece em outro tempo e estabelece uma nova relação entre o eu e o tu. Assim, o estilo da escrita seria também um ato de enunciação. Essas seriam algumas possibilidades a partir das leituras elencadas ao longo deste artigo e que precisam ser investigadas no decorrer da pesquisa da tese em andamento.

Além dessas afirmações acima, tendo em vista que a enunciação deixa emergir elementos essenciais à constituição subjetiva através da linguagem e, que, para Benveniste, a subjetividade é a capacidade do locutor se colocar como sujeito (possibilidade esta que se dá no contexto das trocas que se estabelecem com um outro no processo de enunciação num determinado tempo presente), pensando na idealização que o sujeito faz do outro, do seu interlocutor, ao escrever, reforçamos a viabilidade de análise dessa proposta partindo dos primeiros escritos, do estágio primitivo do texto uma espécie de desdobrar do texto escrito ou de desvendar as dobras do texto.

## 5. Algumas considerações

Não tivemos aqui a intenção de levantar críticas aos textos, mas de expor como essas leituras podem colaborar com o nosso estudo sobre Enunciação escrita, elucidar algumas questões ainda nebulosas ou suscitar mais dúvidas.

Ao longo das leituras, pudemos perceber que o próprio conceito de enunciação escrita não tem definição contundente. Valdir Flores em seu texto “*A enunciação escrita* em Benveniste: notas para uma precisão conceitual” apresenta possibilidades conceituais para o que vem a ser a enunciação escrita

em textos de Benveniste, em destaque “O aparelho formal da enunciação” e as “Últimas aulas do College de France”.

A necessidade do *olhar enviesado* para se perceber as marcas de subjetividade na Escrita, conforme Endruweitt, e sua relação com o tempo torna-se fundamental para um estudo dos possíveis rastros deixados pelo sujeito no texto escrito e, a partir daí, apontar para uma perspectiva de linguagem enunciativa e associá-la ao contexto do ensino de língua.

## Referências

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989  
ENDRUWEIT, Magali Lopes. **A Escrita enunciativa e os rastros de singularidade**. Tese de doutorado em linguística. Porto Alegre – RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

FENOGLIO, Irène. **Enunciação e gênese de um texto: elaboração semântica**. Maceió, Vol. 5, n. 10, Jul./Dez. 2013.

FLORES, Valdir. **A enunciação escrita em Benveniste: notas para uma precisão conceitual**. D.E.L.T.A., 34.1, 2018 (395-417) Rio Grande do Sul UFRGS.

JUCHEM, Aline. **Por uma concepção enunciativa da escrita e re-escrita de textos em sala de aula: os horizontes de um hífen**. Tese de doutorado em linguística. Porto Alegre – RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

SILVA, Carmen Luci da Costa. **O estudo do texto em uma perspectiva enunciativa de linguagem**. D.E.L.T.A., 34.1, 2018 (419-433) Rio Grande do Sul UFRGS